

FESTIVAL DO TERMO 2019

8 de Maio, 21h

Museu Bordalo Pinheiro

Da individualidade e os afetos da Loucura

Conferência

Dos afetos e a Razão na música

"Compendium Musicae" de René Descartes, uma ponte para Portugal

Jenny Silvestre

Concerto

Heroínas Loucas

Carla Caramujo soprano

João Paulo Santos piano

Segundo os relatos de viagem do inglês Costigan, a filha primogénita do Rei D. José I, D. Maria, nascida a 17 de Dezembro de 1734, era *"mais alta e mais delgada que as suas irmãs, pálida, de rosto delicado, parecendo propensa à melancolia"*, características que, segundo o próprio, a tornavam destituída de *"graça feminina"*, embora *"na vida privada a sua conduta fosse exemplar."*

A sua tendência para a melancolia não a impediu de governar após a morte do seu pai, em 1777, tendo fomentado algum desenvolvimento do comércio e indústria, o que permitiu o primeiro saldo positivo da balança comercial em décadas, assim como algum desafogo no tesouro.

Contudo, a morte do seu marido, o Rei D. Pedro III, em 1786, seguida, no único ano de 1788, da morte do Príncipe do Brasil, D. José, da filha, genro e dois netos, agravada pelas consequências da Revolução Francesa no xadrez das monarquias europeias, espoletou um agravamento das condições mentais da rainha, que, segundo a própria rainha em correspondência que troca com a carmelita Teresa de Melo anos antes, seriam há muito frágeis, designando-as de *"imaginações tristes"*.

No final de 1791, a monarca dava indícios de uma forte alienação mental. Em Janeiro de 1792, a *Gazeta de Lisboa* anunciava, de forma velada, o estado de D. Maria. O governo contratou para vir a Portugal o médico inglês Dr. Willis, responsável pelo tratamento do Rei de Inglaterra, George III, o Rei Louco. Após, alguns meses em Portugal, retirou-se desenganando todos sobre a possibilidade de cura da rainha.

Para todo o sempre esta ficaria conhecida como a "Rainha Louca" de Portugal.

A moderna historiografia, aliada a um conhecimento mais profundo das doenças da mente, defende que D. Maria I não seria propriamente louca, mas esquizofrénica.

A conferência concerto de hoje será dedicada aos afetos e estados de alma e sua relação com a música

Falar-se-á em René Descartes e de um pequeno compêndio sobre as emoções na música, escrito no final de 1618, "Compendium Musicae".

O filósofo demonstra aqui pensar a música como uma arte destinada a produzir efeitos sobre a alma através dos sentidos, e não como a reprodução de uma ordem cósmica e divina, como acontecia até então.

Sobre ele nos propomos discorrer algumas considerações, lançando o mote para o recital que se segue, integralmente composto por conhecidas árias nas quais o protagonismo é a loucura feminina, eternizada pela veia inspirada de compositores como Richard Strauss ou Donizetti.



JENNY SILVESTRE

Diretora artística do Festival do Termo, Jenny Silvestre é licenciada em Cravo (Escola Superior de Música de Lisboa) e em Direito (Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa). É doutorada em Ciências Musicais Históricas (Universidade Nova de Lisboa). Conta com uma pós-graduação em Cravo (Escola Superior de Música da Catalunha, Espanha) e uma pós-graduação em Gestão Empresarial, vertente de Estratégia de Investimentos e Internacionalização (Instituto Superior de Gestão de Lisboa).

É fundadora e Presidente da Academia Portuguesa de Artes Musicais.

Assume as funções de Diretora dos Congressos Internacionais de Musicologia Histórica organizados pela Academia Portuguesa de Artes Musicais, bem como a direção dos projetos pluridisciplinares da mesma.

Foi diretora artística e programadora de diferentes Festivais. É atualmente diretora artística da Temporada de Órgão São João de Brito.

Participou na estreia mundial das obras *"Magnificat em Talha Dourada"* e *"Horto Sereníssimo"*, do compositor Eurico Carrapatoso, bem como no conto infantil *"O que aconteceu no Museu da Música..."*, do compositor Sérgio Azevedo.

Estreou ainda a *"Inventio 2"*, de Bruno Gabirro, a versão para cravo da peça *"O Natal da Nôô"*, de Eurico Carrapatoso, e a peça *"Prelúdio e Festa"*, de Sérgio Azevedo, especialmente escrita para ela.

Em 2009, foi Assessora Musical do premiado filme do realizador chileno Raúl Ruiz, *"Mistérios de Lisboa"*.

Em 2011 foi a cravista convidada para o II Concurso Internacional de Composição Fernando Lopes Graça, dedicado ao cravo.

Em 2018 estreou, no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, o seu primeiro filme documental, *"MOMENTO 1910"*, acompanhado pela orquestra Melleo Harmonia.



CARLA CARAMUJO

Carla Caramujo é diplomada pelas Guildhall School of Music and Drama e Royal Conservatoire of Scotland, venceu os Concurso Nacional Luísa Todi, Musikförderpreis der

Hans-Sachs-Loge (Nuremberga), Chevron Excellence, Ye Cronies e Dewar Awards (Reino Unido).

Em ópera destacam-se as suas interpretações de Contessa Folleville em *Il viaggio a Reims*, Clorinda em *La cenerentola*, Gilda em *Rigoletto*, D. Anna em *Don Giovanni*, Adele em *Die Fledermaus*, Lisette em *La Rondine* e Carmina Burana (TNSC); Violetta em *La traviata* (Festival Sintra e Teatro de Leiria); Adina em *L'elisir d'Amore* (Teatro Trindade), Nena em *Lo frate 'nnamorato* de Pergolesi (CCB), Valetto em *L'Incoronazione di Poppea* (Traverse Theatre, Edimburgo), Armida em *Rinaldo* de Händel (Festival Theater, Edimburgo); Rainha da Noite em *Die Zauberflöte* (Trinity theatre, Tunbridge Wells), Fiordiligi em *Così fan tutte* (Rivoli), Herz em *Der Schauspieldirektor* de Mozart (CCB), Controller em *Flight* de J. Dove (Glasgow), Salomé em *O sonho* de Pedro Amaral (London Sinfonietta, Gulbenkian), Lady Sarashina de Peter Eötvös (S.Luiz) e Onheama de J.G.Ripper (FTSS).

Integrou o elenco de *Un moto di gioia*, *Mozart Concert Arias* de Anne Teresa De Keersmaecker com a CNB. Trabalhou com maestros como João Paulo Santos, Julia Jones, Domenico Lungo, Joana Carneiro, Tobias Volkmann, José Miguel Esandi, Johannes Stert, Nicholas Kraemer, Marcos Magalhães, Marc Tardue, Alexander Polyanichko, Pedro Neves, Pedro Carneiro, Nuno Coelho, Jorge Matta, Yi-Chen Lin, entre outros, tendo sido solista em *Messias* (Händel), *Requiem* (Brahms), *Missas Dó Menor*, *Requiem* e *Vesperae solennes* (Mozart), *Sinfonia 9* (Beethoven), *Gloria* (Poulenc), *Paixão S. João* (Bach), *Elijah* (Mendelssohn), *Die Schöpfung* (Haydn), *Carmina Burana*, *Stabat Mater* (Haydn e Pergolesi), *Lua, canção de uma morte* (Nuno Côrte-Real) e *Cinco Poemas de Vinicius de Moraes* de J.G. Ripper, em Heidelberg Hall, Smetana Hall (Praga), The New Sage Gateshead Music Centre (Newcastle), Barbican (Londres), Teatro Péon Contreras (Mérida, México), CCB, Gulbenkian, SODRE (Montevideu), Usina del Arte (Buenos Aires) e Teatro San Martin (Córdova, Argentina), Theatro da paz (Belém), Teatro Mayor (Bogotá), entre vários festivais nacionais e internacionais.



JOÃO PAULO SANTOS

Nascido em Lisboa em 1959, João Paulo Santos concluiu o curso superior de Piano no Conservatório Nacional desta cidade na classe de Adriano Jordão. Trabalhou ainda com Helena Costa, Joana Silva, Constança Capdeville, Lola Aragón e Elizabeth Grümmer. Como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian aperfeiçoou-se em Paris com Aldo Ciccolini (1979-84). A sua carreira atravessa os últimos 36 anos da história do Teatro Nacional de São Carlos onde principiou como correpetidor (1976). Seguiu-se o cargo de Maestro Titular do Coro (1990-2004); desempenha atualmente as funções de Diretor de Estudos Musicais e Diretor Musical de Cena. Estreou-se na direção musical em 1990 com *The Bear* (W. Walton), encenada por Luís Miguel Cintra, para a RTP. Tem dirigido óperas para crianças (Menotti, Britten, Henze e Respighi), musicais (Sondheim), concertos e óperas nas principais salas nacionais. Estreou em Portugal, entre outras, as óperas *Renard* (Stravinski), *Hanjo* (Hosokawa), *Pollicino* (Henze), *Albert Herring* (Britten), *Neues vom Tage* (Hindemith), *Le Vin*

Herbé (Martin) e *The English Cat* (Henze) cuja direção musical ganhou o Prémio Acarte 2000. Destacam-se ainda as estreias absolutas que fez de obras de Chagas Rosa, Pinho Vargas, Eurico Carrapatoso e Clotilde Rosa. A recuperação e reposição do património musical nacional ocupam um lugar significativo na sua carreira sendo responsável pelas áreas de investigação, edição e interpretação de obras dos séculos XIX e XX. São exemplos as óperas *Serrana*, *Dona Branca*, *Lauriane* e *O espadachim do outeiro*, que já foram encenadas no Teatro Nacional de São Carlos e no Centro Cultural Olga Cadaval. Fez inúmeras gravações para a RTP e gravou discos com um repertório diverso. Colabora como consultor ou na direção musical em espetáculos de prosa encenados por João Lourenço e Luís Miguel Cintra.